

SOCIALIZAÇÃO ÉTNICA E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Apesar de ter um histórico recente, pode-se dizer que o construto socialização étnica possui um vasto arcabouço teórico, no qual foram encontradas algumas relações com uma série de fenômenos que ocorrem ao longo do desenvolvimento. Pesquisas como Lesane-Brown, Brown, Caldwell e Sellers (2005) demonstram que educar as crianças sobre as consequências sociais e psicológicas de serem negras, e ajudá-las a entender a herança, a cultura e o significado de pertencer a seu grupo étnico são maneiras de proteger sua autoestima e prepará-las para lidar com situações de preconceito e de discriminação. Evidências desse tipo tem mobilizado pesquisadores a investigar as relações entre socialização étnica e o processo de desenvolvimento infantil.

Os estudos de Coard e Sellers (2005) e Hugles et al. (2006) destacam-se por revisar de modo abrangente os fatores desenvolvimentais que estão associados à socialização étnico-racial. Dentre os fatores que favorecem a troca de mensagens entre pais e filhos, encontram-se a idade e o gênero da criança, o status de imigração e socioeconômico dos pais, composição étnico-racial da comunidade, a identidade étnica dos pais e suas experiências prévias de discriminação.

A idade da criança condiciona mudanças cognitivas, favorecendo à maior compreensão do significado do pertencimento grupal. Ao mesmo tempo, à

medida que a idade da criança avança, ampliam-se suas experiências sociais. Em vista disso, pais com filhos pequenos são menos propensos do que os pais de filhos mais velhos a discutir questões raciais com eles, pois concebem que os pequenos têm limitada maturidade cognitiva para entendê-las. Na adolescência, entretanto, as conversas entre pais e filhos sobre questões raciais são mais frequentes, considerando que essa fase é caracterizada pela maior consciência da identidade étnica e também pela presença de habilidades cognitivas mais sofisticadas para refletir sobre as experiências de preconceito vivenciadas.

O gênero da criança condiciona a transmissão de mensagens de socialização étnica, tendo em vista que os pais preveem que meninos e meninas terão diferentes experiências sociais. Por exemplo, a vizinhança e a escola costumam perceber os meninos de minorias étnicas como mais ameaçadores do que as meninas, por conseguinte eles são os que mais relatam sofrer discriminação. Os meninos costumam receber mais mensagens de advertências quanto à existência de barreiras raciais, enquanto as meninas recebem mais mensagens sobre orgulho cultural. Esses resultados parecem consistentes, independentemente do método de avaliação, da etnia dos pais ou da idade da criança (THOMAS et al., 1999, 2015).

O status de imigração dos pais (recente X longo) também influencia de modo significativo a transmissão de mensagens de socialização, segundo Coard e Sellers (2005) e Hugles et al. (2006). Os imigrantes recentes têm maior probabilidade de discutir discriminação com os filhos do que os longevos, que dependem mais esforços para promover a identificação dos filhos com o próprio grupo étnico. As práticas de socialização entre gerações diferenciam-se ainda em função do perfil demográfico do bairro em que a família reside. Famílias que residem em bairros etnicamente heterogêneos tendem a transmitir para seus filhos mensagens de preparação para situações de preconceito e discriminação. Ao passo que a famílias de imigrantes que vivem em bairros etnicamente homogêneos tendem a priorizar mensagens voltadas para o orgulho cultural.

O status socioeconômico dos pais, nele incluídos a renda, a ocupação e a escolaridade, impõe diferentes experiências em relação à raça/etnia e, por conseguinte, nas práticas de socialização implementadas. Pais com renda mais alta são os que mais relatam praticar socialização étnico-racial e são mais inclinados a proporcionar um ambiente doméstico afrocêntrico¹. Aqueles com escolaridade

¹ ... “presença de brinquedos culturalmente apropriados, ‘como bonecas negras’ (grifo nosso); fotos dos membros negros da família, ou roupas e utensílios domésticos feitos de tecido ou estampa africana” (CAUGHY; O’CAMPO; RANDOLPH; NICKERSON, 2002, p. 1615).

mais alta, e com empregos formais praticam mais a socialização cultural e a preparação para o viés. Entre os com renda e escolaridade médias, há mais práticas baseadas na preparação para a discriminação e promoção da desconfiança e menos mensagens igualitárias, do que entre os grupos com status econômico inferior ou superior.

A identidade racial dos pais, compreendida como a importância que a raça e a etnia possuem sobre o autoconceito deles, determina os conhecimentos racial, cultural e étnico que os pais querem que os filhos assimilem. Pais que consideram a “raça” como elemento central de sua identidade acreditam que a sociedade avalia negativamente seu grupo, tendem a discutir a discriminação com mais frequência com seus filhos. Os pais de crianças mais velhas e com maior apego ao próprio grupo étnico enfatizam mais a socialização cultural.

A experiência de discriminação étnico/racial por parte dos pais também influi nas mensagens de socialização étnica. De maneira geral, os pais transmitem para seus filhos as habilidades que eles mesmos adotam ou precisaram adotar para lidar com a discriminação em diferentes contextos. Desse modo, pais que sofreram discriminação no trabalho costumam advertir mais seus filhos sobre o preconceito e a promover atitudes de desconfiança sobre os outros grupos, pois pressupõem que seus filhos sofrerão experiências semelhantes. Adolescentes que sofreram ou que têm membros da família que sofreram discriminação relatam receber mais mensagens de socialização cultural em comparação a adolescentes cujos familiares não relataram experiências prévias de discriminação.

As análises sobre a socialização étnica e racial também têm apontado efeitos sobre a identidade étnico-racial de crianças e adolescentes. Observou-se na infância inicial e média infância, que as crianças que recebem mais mensagens de socialização cultural de seus pais são mais críticas quanto às práticas culturais da cultura dominante. Nos adolescentes e adultos, observou-se que aqueles submetidos a mensagens de socialização cultural, apresentaram atitudes endogrupais mais positivas. A socialização étnica teve efeito ainda sobre a autoestima. Verificou-se que mensagens enfatizando a persistência da discriminação e de tratamento injusto correlacionam-se com a autoestima baixa, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos. O silêncio sobre a etnia e mensagens de negação de diferenças étnico-raciais estão associados à baixa autoestima global e acadêmica. Por outro lado, as mensagens de socialização cultural e preparação para o viés correlacionam-se com maior autoestima global, melhor desempenho acadêmico e relações positivas com pares.

A socialização étnica também influencia no uso de estratégias de enfrentamento contra o preconceito e a discriminação. Por exemplo, a socialização cultural, promove resiliência face à discriminação devido a sua influência sobre a autoestima e a identidade. Na primeira e na média infância, crianças incentivadas a responder proativamente a situações raciais são menos inclinadas a usar estratégia de enfrentamento passivo ou estratégias que indicam racismo internalizado, como crenças, atitudes e ações baseadas em estereótipos raciais. Entre os adolescentes e adultos submetidos a situações hipotéticas de discriminação, quando os pais utilizam mensagens de preparação para o preconceito, estes tendem mais utilizar estratégias proativas (e.g., buscar apoio) e menos estratégias conflitivas (e.g., confronto verbal).

Os efeitos da socialização étnica sobre o desempenho acadêmico já haviam sido mencionados por Hugles et al. (2006), e esse efeito é indireto através da identidade étnica e autoestima que, em níveis elevados, são positivamente associadas ao melhor grau de desempenho acadêmico dos jovens. Observa-se que as mensagens de preparação para o viés, podem tornar os jovens resistentes aos estereótipos sobre as capacidades intelectuais de seu grupo, influenciando seu desempenho e realizações. As mensagens de preparação para o viés também podem levar os jovens a estabelecer a realização acadêmica como uma meta relevante para os membros de seu grupo étnico-racial. Hughes et al. (2006) verificaram que jovens negros expostos a um currículo que incentiva a perceber o desempenho acadêmico como um componente importante para a identidade apresentavam menor absenteísmo e melhores notas nos exames escolares.

A socialização étnica opera ainda sobre sintomas psicológicos, tais como a depressão, controle da raiva e agressão física. Hugles et al. (2006) trazem exemplos de estudos que evidenciam que na primeira e na média infância, as mensagens de socialização cultural dos pais estão associadas a níveis mais baixos de problemas internalizantes (e.g, baixa autoestima) e externalizantes (e.g., agressividade) em meninos e, entre as meninas, estão associadas a menor ocorrência de problemas internalizantes. A valorização do orgulho ao patrimônio cultural, em comparação às mensagens de preparação para o preconceito, está associada a níveis mais altos de controle da raiva nos meninos adolescentes.

Observamos como a socialização étnica e racial opera sobre diversas áreas na vida psicológica dos indivíduos. Também observamos que os estudos analisados são provenientes de realidades distintas da brasileira. Nossa sociedade foi marcada por características históricas particulares quanto ao modo de lidar com o fenômeno do racismo e a presença no negro. Aspectos como a miscigenação, o

branqueamento e a democracia racial são peculiares ao contexto social brasileiro. De que forma esses aspectos interferem no modo que as famílias e diferentes agências de socialização lidam com o racismo? Analisaremos desenvolvimentos teóricos e empíricos sobre socialização étnica e racial na pesquisa psicológica brasileira no próximo capítulo.